

brotéria

cultura e informação



Consciência pública, hoje
A crise paquistanesa
Ano Internacional da Educação
Vergílio Ferreira
«Rerum Novarum»: 80 anos
depois
O Ocidente em questão
Cardoso Pires

JUNHO — 1971

ou a altitude espiritual de um ficcionista mede-se por esse teodolito sobre o horizonte — do tempo e da eternidade. Quem está preso e sente a prisão é porque, dentro de si, há uma asa livre. A solidão quando é profunda abre uma fimbria de evasão. E quem se julga nulo é porque chora os trâmites que o fazem nulo e protesta em nome da grandeza ida. Todos estes pensamentos caem, como de ramos de uma árvore verbal, do romance metafísico de Vergílio Ferreira. Sentimo-lo a favor desta prosa e não ao agravo dela. Será o herói deste romance o avatar de Vergílio Ferreira? E como não? Pois vem carregado desta pólvora anímica: exala tristeza, um ar espesso de tragédia um nó górdio que corre e se não desata por estas páginas fora. Mas estamos chegados a um tempo em que, quer queiramos quer não, não-de ser os escritores *espirituais* contrapostos aos *caruais* e aos meros *intelectuais* os condutores de uma geração ou traída, ou cansada ou salubremmente enaltecida. Essas categorias foram estabelecidas por Unamuno e temo-las por mais justas que as que babujam nos livros dos críticos mais ou menos lidos em Brunetière.

Para já, na literatura de Vergílio Ferreira estremece a trípode das sibilas e referve a espuma dos oráculos, obscuros como todos os oráculos mas enfim, com palpite de futuro, com fervor de busca e de encontro daquilo que salva... pois que, aparentemente, a Vida temos de a perder.

JOSÉ CARDOSO PIRES, UM «FABULADOR» EXEMPLAR

por ALVES PIRES

Dois anos depois do êxito que foi *O delfim*, cuidam Moraes Editores de pôr-nos nas mãos, em igual formato e esplêndida sobrecapa, nova edição das obras anteriores de José Cardoso Pires (1). Tem o

(1) Os vols. que agora se reeditam, — em arranjo gráfico de Sebastião Rodrigues e pinturas de sobrecapa de diversos autores, como Souza-Cardoso, Júlio Pomar, Sá Nogueira, etc. — são os seguintes: *Jogos de Azar*, *O Anjo Ancorado* (seguido de um «Estudo sobre o Autor» por Alexandre Pinheiro Torres), *O render dos heróis*, *A cartilha do marialva* e *O hóspede de Job*. Moraes Editores, Lisboa, 1970.

evento suficiente alcance e ressonância para que «Vida Literária» dele se ocupe uns momentos, quanto mais não seja para dar breve impressão conjunta sobre um escritor cuja prosa, na opinião de Oscar Lopes, «é talvez a mais limpa e mondada que hoje temos».

Dar uma breve impressão conjunta? — Não quereria de modo nenhum cometer logo de começo a imprudência de levanamente prometer mais do que aquilo que posso dar. Falemos pois, antes, de algumas características ou alguns aspectos artístico-humanos da ficção de J. Cardoso Pires, deixando quanto possível, isso sim, que a curiosidade de leitor comum se encaminhe, como é vontade do próprio A., a descobrir essa «moral ou clima humano» que as «histórias de proveito e exemplo» na sua exemplaridade se propõem ilustrar.

E já agora, pois começemos exactamente por advertir nesta ficção peculiaríssima das narrativas de Cardoso Pires: a sua dimensão de exemplaridade, essa capacidade a que alude Alexandre Pinheiro Torres de imprimir a cada narrativa o tom de saga popular ou, na apreciação do crítico italiano, o propósito e facilidade de «elevantar às regiões do mito a casual crónica do quotidiano».

É de facto esta uma prerrogativa inegável da arte de Cardoso Pires e que lhe confere lugar bem diferenciado e até de bastante relevo dentro do panorama actual da nossa literatura.

Quais os meios de que lança mão o A. de *O anjo ancorado* e de *Jogos de Azar* (esse volume de contos, em que esta característica é porventura ainda mais palpável e logo a partir da narrativa-prólogo que é «A charrua entre os corvos») para levar as suas narrativas a transcenderem o significado literal dos acontecimentos para se projectarem «para lá do imediatismo e das circunstâncias em que se nos apresentam», acedendo assim a essa dimensão de exemplaridade quase fabular?

No estudo citado, e aposto à edição de *O anjo ancorado* que tenho diante, parece-me sugerir A. Pinheiro Torres um bom caminho de resposta a esta interrogação, quando observa a propósito de *O Hóspede de Job*: «Cardoso Pires coloca a sua câmara cinematográfica, volteando numa área determinada do Alentejo onde a caça à situação simbólica, à imagem representativa, demonstra ser de resultados assaz férteis. Neste espaço cuidadosamente seleccionado, a câmara desliza em grande *travellings* sobre locais e personagens, algumas delas de presença ocasional que funcionam como simples agentes catalíticos da acção, isto é, como elementos aceleradores das reacções dos prota-

gonistas ou como uma espécie de coro trágico destinado a definir o ambiente social» (2).

Isso mesmo. Não é que se renuncie à situação e à circunstância concreta em que as pessoas se movem e em que os acontecimentos têm lugar. Muito ao contrário, quer-se tudo muito bem visualizado, todos os acontecimentos bem localizados e até, se possível, datados. Mas simplesmente essa visualização de coisas, de situações e de pessoas ou psicologias há-de fazer-se a partir de um ângulo de incidência cuidadosamente escolhido, num «espaço cuidadosamente seleccionado», em ordem a colher apenas a «imagem representativa».

Deste modo a situação recriada no conto ou no romance, o acontecimento ou o estado de alma que se ressuscita, adquirem uma sonoridade, uma amplitude de ressonância e poder evocativo que, transfigurando por assim dizer a literal e concreta significação dos factos, os projecta no tal horizonte mais vasto da representatividade exemplar.

Por outro lado, e para lá da peculiar e exigente perspectivação (não quero saber se a palavra vem ou não no Vocabulário da Academia) da câmara cinematográfica de J. Cardoso Pires, os invulgares dotes de escritor e descritor privilegiaram-no como a poucos em ordem a demandar pelo caminho mais recto essa segunda realidade.

A quem tiver um mínimo de familiaridade com as nossas letras contemporâneas, não restarão dúvidas de que o A. de *O delfim* é um dos grandes prosadores neste momento da nossa ficção, detentor de uma prosa faiscante, plena de revérberos como reflexos de cristal sob luz crua. Um narrador como que especializado em sugerir sentimentos que quase não passam de pressentimentos e que são os sentimentos mal definidos nas almas desses «desocupados» ou «privados dos meios de realização», prolongamento do mundo medieval no mundo contemporâneo.

No que tange a poder de evocação pelo descritivo, J. Cardoso Pires é hoje do mais vivo entre nós, com uma propriedade de linguagem feita sobretudo da harmonia requintada, admiravelmente conseguida, entre pensamento e sensibilidade. Depois, e como que em consequência, exacta visualização de tudo aquilo que nas pessoas e nas coisas quer ver, enquanto de passagem vai situando à maravilha essas pessoas, bem ajustadamente, no seu *habitat* e clima próprios.

Com duas penas, através de um modo de expressão seco e a

(2) Cit., pp. 168-69.

um tempo dotado de uma vibração raramente igualada, somos transportados em corpo e espírito a esses ambientes, irresistivelmente levados pela mão por um escritor que vê com a sensibilidade toda, sobretudo com a sensibilidade; um escritor que, mercê do recurso muito fácil e livre à linguagem alegórica e de bom quilate, logra introduzir-nos, mediante meia dúzia de pinceladas como que ao acaso, em todo um mundo de cor vária e de sugestão prolongadora da realidade.

E nesta linha a cada passo se nos fazem encontradiças verdadeiras páginas de antologia. Colher exemplos é o mais fácil. Apenas dois parágrafos, sem grande preocupação de seleccionar.

Veja-se esta água-forte de Cercal Novo, logo na primeira página de *O hóspede de Job*: «Empalmadas em córregos secos, numa terra de barro e areão que encarquilha ao sol; rasgados os campos pela estrada longa de asfalto ou por baforadas ronceiras de comboio — assim, no despontar da charneca, fica Cercal Novo: um clarim, uma igreja abraçada ao quartel, meia dúzia de casas ao correr da estrada, e principalmente um silvo, um delicado braço de fumo a alastrar sobre a planície:

«Uuuuu...»

Ou então este retrato de velha, atirado para diante de nós apenas com duas manchas carregadas de bem intencional profundidade:

«Não os saúda (aos viajantes de Cimadas), deita-lhes uns olhos brancos pregados numa caveira forrada de peles sujas. Muito mirrada, do tamanho duma criança, era uma velha ao mesmo tempo escura e desbotada. Era da cor do barro mais pobre, do tom das ervas mortas ao sol» (3).

É pois, estamos a ver, uma escrita como que espontâneamente metafórica, com notação fiel — prévia selecção — dos gestos, ditos, trejeitos ou ademanes significativos dos personagens; tudo em ordem a recriar não apenas o personagem vivente, mas o personagem bem emoldurado no seu ambiente peculiar.

Vê, na verdade, com justeza A. P. Torres quando, ao apontar as características do estilo de Cardoso Pires, se refere à «segura intuição do que é profundamente representativo na massa heteróclita dos factos, dos movimentos e falas das suas personagens»; à «linguagem reduzida ao essencial, «dizendo» a história ou os «valores» pelo ca-

(3) Cf. *O hóspede de Job*, pp. 9 e 150-51, respectivamente.

minho mais directo»; ao «predomínio do plástico sobre o descritivo e o congeminativo, e do imediatamente visual sobre o conceptual — predomínio, portanto, da imagem concreta sobre a imagem abstracta» (4).

Não querem estas notas ir além de singelas observações de leitor comum. Gostaria, no entanto, antes de lhes pôr ponto final, de abordar rapidamente um outro aspecto, um aspecto que à primeira vista parecerá estar em conflito com a caracterização acima esboçada das tendências estilísticas e concomitante mundo de valores da obra literária de J. Cardoso Pires: aludo exactamente ao universo de valores em que se movem os seus personagens, ao teor e exigência humana das suas aspirações.

Já foi dito nas páginas desta mesma revista, que J. C. Pires «tem na mão todos os processos de construção romanesca e no entanto os seus personagens nascem humanamente diminuídos, sem mais horizontes do que os da realidade sensível e ainda assim pouco comprometidos com ela, mostrando nada perder ou ganhar com «a porca desta chatice em que andamos metidos» (5). Vivem sem reflectir, sem procurar aprofundar o mistério da própria existência e da existência alheia» (6).

A muitos parecerá excessivamente negativista semelhante interpretação do universo humano (e a generalização é da minha responsabilidade) do autor de *O delfim*. Contudo, e por muito divergente que seja entre os dois críticos o sentido das concepções de base, julgo não ser muito diferente a leitura e interpretação de A. Pinheiro Torres no citado artigo, aliás todo ele inspirado na maior simpatia e compreensão. Se não, oiçamo-lo:

«Os heróis habituais de Cardoso Pires gostam de comer, de beber e de fornicar. Não estão à espera de compensações celestiais — forma de demonstrar que certas éticas imanentes e transcendentis não conseguiram ainda uma amputação muito profunda».

É um modo de expressão bem áspero e na aparência com seu quê de rectilíneo, e por mim confesso que não ousaria ir tão longe se me pedissem para definir o *modus vivendi* destes humanos. Mas já agora, e uma vez que um tão grande admirador do romancista nos

(4) Cf. *O anjo ancorado*, p. 217.

(5) *O delfim*, p. 120.

(6) Cf. L. DA SILVA PEREIRA, in *Brotéria*, 88 (1969) 797-802.

facilita o caminho, nem por timidez havemos de deixar de reconhecer que um tal modo de expressão traduz com certo rigor a verdade das coisas. Preferiria não ter de o reconhecer, mas não há dúvida que a tensão anímica dos personagens que povoam esta literatura, é por demais frouxa e, talvez por isso mesmo, é menos convincente, a veemência do seu protesto contra o *statu quo* e contra todas as formas do medievalismo contemporâneo.

É por entre libações frequentes e abundosas, onde o whisky se bebe «a golada funda e saborosa», que estes personagens se erguem a censurar um país que «não nos dá oportunidade de agir» e discretem sisudamente sobre «o erro, o crime (que) está em nos terem ensinado desde pequenos a renunciar à vida. Contrariar, dominar o desejo natural. No fundo é ainda o fatalismo cristão, acho eu» (7). Como se não fosse evidente ingenuidade votada à frustração o atarmos a promessas para o dia de amanhã, «como se o dia de amanhã, a eternidade nos céus, na terra, ou lá onde é, pudesse resolver o caso de alguém» (8).

Bem sabemos que estas e semelhantes afirmações, só dentro do contexto, e não apenas deste livro em concreto, mas dentro do contexto e do tom geral da obra, podem ser lidas na sua exacta significação. Mas, e tento convencer-me de que não li esta obra com óculos demasiado escuros, também não há dúvida que estes personagens, dum modo geral, vivem o seu dia a dia bastante à flor dos acontecimentos, sem se interrogarem muito nem interrogarem esses acontecimentos em ordem a captar-lhes a total ressonância.

São figuras um tanto fechadas sobre a si mesmas, «mergulhadas nos seus pequenos mundos pessoais, discutindo se sim ou não é de aproveitar o dia a dia, se sim ou não é de aproveitar a *amitié amoureuse*» (9), mas sem aquele lastro de inquietude profundamente humana capaz de as levar, em total consequência, a aprofundar no mistério da existência própria e da existência dos outros. Assistem pois estes humanos, com indesmentível lucidez, ao evoluir, ou se quiserem, ao «aniquilamento progressivo» de uma sociedade constituída por satisfeitos e por insatisfeitos, e entre uns e outros abissal incompreensão; sabem mesmo que «os grandes criminosos são os satisfeitos

(7) *O anjo ancorado*, pp. 128 e 112.

(8) *Ibid.*, p. 114.

(9) A. P. TORRES, 1. c., pp. 191-92.

que se fecharam no seu mundo ao abrigo dos que labutam, e vão discutindo, com leveza de diletantes, sobre qual seja o sexo dos anjos, enquanto a cidade está sitiada, sob a ameaça de aniquilamento ⁽¹⁰⁾; denunciam de bom grado, e havemos de reconhecer que com certa lucidez, o «monturo dos valores apodrecidos» a que faz referência A. P. Torres; combatem com algum denodo o viver desses «acomodados brilhantes que navegam na crista da onda».

Mas tudo isso porquê? — Porque é necessário desmascarar «mitos e condicionamentos», esses mitos e condicionamentos que, em resumidas contas, constituem o tal «monturo dos valores apodrecidos». (Quando o intérprete se decide a exemplificar esses «valores apodrecidos», não encontra melhor modelo do que o dos valores que se traduzem nas palavras de D. Augusta a respeito da neta: «Antes vê-la morta num caixão que desonrada! Morta num caixão, leva um ramo de flores»). E o que de último e de absoluto se subentende à real inquietação do homem, nesta luta de todos os dias contra todas as formas de alienação, é a necessidade hedonística de colher e saborear demoradamente o máximo de prazer no momento que passa. É pouco demais, e nós sabemos-lo. E talvez em parte aqui esteja a razão por que todas ou quase todas as narrativas de J. Cardoso Pires deixam em nós um vago sentimento de incompletude, de caminho meio andado, para não dizer de semi-frustração, como se não chegássemos a encontrar o almejado clima de familiaridade junto desses personagens com quem somos chamados a conviver familiarmente.

(10) Cf. O pórtico de *O anjo ancorado*.